

A identidade feminina em exílio no romance *Lillias Fraser*, de Hélia Correia

Karen Tiburcio Martins* 

Keli Cristina Pacheco** 

Introdução

A experiência traumática do exílio tem sido compartilhada por inúmeras pessoas ao longo da História. De acordo com dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), somente em 2020, mais de 82 milhões de indivíduos foram forçados a deixar seus países de origem, devido, principalmente, à instabilidade econômica, política e religiosa (ONU NEWS, 2021). Em relação à crise humanitária, que tem tomado cada vez mais espaço nas discussões contemporâneas sobre direitos humanos, o crítico literário e professor palestino-estadunidense Edward Said observa que “com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa” (SAID, 2003, p. 47).

Na literatura contemporânea, um exemplo significativo, embora não amplamente conhecido fora de seu país de origem, é a obra *Lillias Fraser* (2001), da autora portuguesa Hélia Correia. A obra é um romance histórico que narra as fugas e errâncias da personagem-título Lillias Fraser, uma criança órfã que é forçada a deixar sua terra natal durante a Batalha de Culloden na Escócia, em 1746. O confronto, do qual a Inglaterra saiu vitoriosa, ficou conhecido na historiografia do Reino Unido por terminar com a última Rebelião Jacobita, resultando na extinção do sistema de clãs e na forte repressão das tradições escocesas, de forma a impedir uma nova insurgência por parte dos rebeldes (ROBERTS, 2002). Esse é o cenário histórico inicial do romance de Hélia Correia, que retrata a jornada de Lillias por três países da Europa, ao longo de 16 anos. O romance tem início poucas horas antes da Batalha de Culloden, com a primeira fuga de Lillias, que só consegue escapar da matança porque possui um dom extraordinário: através do olhar, a menina prevê a morte. Por pertencer a um clã que lutou em Culloden, a protagonista do romance precisa abandonar qualquer elemento identitário que a conecte à Escócia ou aos jacobitas, pois essa seria a sua única maneira de sobreviver. Desse modo, Lillias Fraser é obrigada a deixar de falar, uma vez que a língua gaélica e o característico sotaque escocês denunciariam facilmente sua verdadeira identidade.

* Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná, Brasil. Licenciatura em Letras - Português/Inglês e Respectivas Literaturas (Literatura, Letras e Artes) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9784-013X>. E-mail: ktibmart@gmail.com

** Doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Pós-doutorado em Letras pela Sorbonne Université, Paris, França. Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9398-9505>. E-mail: kcpacheco@uepg.br

Para Figueiredo, a narrativa de *Lillias Fraser* (2001) destaca-se dentre as obras de Correia por

[...] recuperar os passos anônimos daqueles que não figuram nos relatos oficiais para mostrar como a vida é um acúmulo de ruínas que jamais poderá ser ordenado, nem mesmo pela linguagem, indo desta forma em sentido contrário a certa tradição histórica (mas também literária), que apostou na possibilidade de reconstituição do passado. Resta ao trabalho literário a criação de imagens que alegoricamente tentarão contornar com palavras a indizível experiência de se estar vivo num tempo em dissolução (FIGUEIREDO, 2009, p. 157).

Hélia Correia, por conseguinte, representa uma importante voz feminina na literatura lusófona contemporânea, já que frequentemente insere no centro de suas narrativas mulheres “que desestabilizam, a seu modo, a ordem aceita em nome de propósitos envoltos em mistério e magia” (FIGUEIREDO, 2009, p. 152). Essas complicadas personagens, que são bruxas, sereias, profetisas e seres de “marginalidade e loucura”, fazem parte do universo ficcional da autora que, com suas diversas representações da mulher, abre novos caminhos de exploração dentro da literatura.

Em *Lillias Fraser* (2001), Hélia Correia se apropria de temas comumente associados a narrativas masculinas, para reconfigurá-los a partir das experiências de uma menina órfã e exilada. Nesse sentido, a obra coloca em evidência o ponto de vista de um indivíduo marginalizado pela historiografia, e desafia convenções do romance histórico, que, desde sua concepção no século XIX, tem sido predominantemente dominado pelo olhar masculino. Assim, para Quarantani (2017, p. 50), Correia “cria uma espacialidade feminina, as experiências metamórficas de um ser, de um corpo, e as suas múltiplas subjectividades que, das margens, podem introduzir uma nova perspectiva de leitura dos acontecimentos”, ao deslocar o ponto de vista tradicional da História.

1. A identidade nômade e a perda da língua materna no contexto do exílio

O conceito de identidade, conforme elaborado pela filósofa e teórica feminista Rosi Braidotti, em *Nomadic Subjects* (1994), é “um jogo de aspectos múltiplos e fraturados do eu; é relacional, na medida em que requer um vínculo com o ‘outro’; é retrospectivo, na medida em que se fixa por meio de memórias e lembranças, num processo genealógico” (BRAIDOTTI, 1994, p. 166, tradução nossa). A autora destaca o aspecto “fraturado” da identidade e formula a teoria das identidades femininas nômades a partir de uma visão de um eu descontínuo, que se refaz constantemente a partir de contrariedades, confusões e incertezas.

Nesse sentido, “o poder de síntese do ‘Eu’ é uma necessidade gramatical, uma ficção teórica que reúne a coleção de diferentes camadas, os fragmentos integrados do horizonte cada vez mais distante da identidade de cada um” (BRAIDOTTI, 1994, p. 166, tradução nossa). A partir disso, a teórica defende que é necessário pensar as subjetividades e identidades femininas como múltiplas, mutáveis e diversas entre si, ao invés de analisá-las a partir de uma visão reducionista de mulher, codificada na cultura em uma imagem homogênea e fixa. Para nomear a teoria, Braidotti busca inspiração na figura do nômade, por sua associação a movimento, instabilidade e transitoriedade. A autora define o nômade da seguinte maneira:

Ao contrário das imagens do migrante e do exilado, quero enfatizar a do nômade. O nômade não representa a falta de moradia ou o deslocamento compulsivo; é antes uma figuração para o tipo de sujeito que renunciou a toda ideia, desejo ou nostalgia pela fixidez. Essa figuração expressa o desejo de uma identidade feita de transições, deslocamentos sucessivos e mudanças coordenadas, sem e contra uma unidade essencial. O sujeito nômade, no entanto, não é totalmente desprovido de unidade; seu modo é o de padrões definidos e sazonais de movimento através de rotas bastante fixas. É uma coesão engendrada por repetições, movimentos cíclicos, deslocamentos rítmicos (BRAIDOTTI, 1994, p. 375, tradução nossa).

Quanto à ênfase na língua como elemento identitário em *Lillias Fraser* (2001), Kathryn Bishop-Sanchez aponta que a mudez de Lillias está diretamente ligada à sua condição de exilada, uma vez que “o seu desterro linguístico vai de par com a expatriação física” (BISHOP-SANCHEZ, 2004, p. 63). Dessa forma, o exílio e a perda da língua não podem ser analisados separadamente ao tratarmos das questões de identidade no romance aqui abordado.

O discurso oral é um referencial importante nas relações sociais (SCHMIDT, 1998), pois é um dos mecanismos por meio dos quais o indivíduo constrói sua identidade e, conseqüentemente, a si mesmo como sujeito. Embora não seja a única forma de interação com o mundo, a fala é um elo de ligação entre a dimensão interior do sujeito (subjetividade) e o mundo externo no âmbito social (identidade). Nesse sentido, a linguista Magda Stroińska (2003) ilumina a questão da relação entre construção de identidade e língua no contexto do exílio:

Portanto a língua, ou línguas com as quais crescemos são fatores na construção da identidade. Elas participam ativamente na formação de nossa visão individual do mundo e são o meio de nossa interação com as pessoas ao nosso redor. Elas funcionam como filtros entre os outros e nós; elas nos definem para os outros e definem os outros em interação conosco, frequentemente contribuindo para a formação de estereótipos. Todavia, só percebemos verdadeiramente a importância da língua quando o vínculo entre o mundo e nossa representação linguística interna dele é rompido ou questionado, por exemplo, quando deixamos nosso país e entramos em uma nova ‘vida em uma nova língua’ (STROIŃSKA, 2003, p. 95, tradução nossa).

Da mesma forma que o sujeito constrói sua identidade ou subjetividade por meio do discurso, os sistemas hegemônicos de poder, como racismo, patriarcado, imperialismo e etnocentrismo, operam em sentido contrário, pela destruição das identidades e da memória, por meio de exclusão e de dominação, conforme explica Schmidt (1998).

2. Lillias Fraser: a imposição do silêncio e as múltiplas identidades

A primeira parte da narrativa de *Lillias Fraser* (2001) tem início na cidade de Inverness, no dia da Batalha de Culloden. Na manhã de 16 de abril de 1746, a pequena Lillias, então por volta dos 6 anos de idade, assusta-se com a terrível visão de seu pai dilacerado pelas baionetas dos soldados ingleses e foge de casa, sem ainda conseguir distinguir que aquilo se tratava de uma premonição, a qual se concretiza somente horas mais tarde. A respeito dessa passagem, Pereira (2017, p. 3) afirma que “Trata-se do fim

de Lillias como Lillias Fraser, como criança que pode ser criança e terá de deixar de o ser, assim como escocesa, pela obrigatoriedade de assumir uma outra identidade”. Esse momento assinala, portanto, o início da jornada de Lillias Fraser, marcada pela construção e a desconstrução de múltiplas identidades.

Perdida na floresta e sem saber como voltar para a casa, Lillias é resgatada por uma velha senhora, que a abriga em sua cabana. Ao perceber os primeiros sons do exército inglês se aproximando da casa, a velha ordena que Lillias se cale: “Não te mexas, não fales. Não fales” (CORREIA, 2001, p. 7). Após escapar de um incêndio causado pelos Casacas Vermelhas na casa da senhora, Lillias se depara com a visão de sua mãe morta a lhe acenar da floresta. Como apontado por Abreu, já no início da narrativa Lillias perde “duas casas e duas mães” (ABREU, 2016, p. 94), ou seja, a velha senhora da cabana é também assassinada durante o frenesi pós-batalha, enquanto que a mãe de Lillias, Margaret Fraser, morre tentando proteger o filho dos soldados ingleses. Neste momento, a protagonista estava destituída de casa, assim como da família. Observamos, portanto, o exílio segundo a definição de Said, como “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46). Dessa maneira, Lillias estava fadada a vagar permanentemente por lugares desconhecidos, sem a possibilidade de retorno.

Lillias é guiada pela visão do fantasma da mãe até Moy Hall, o castelo de um chefe de clã escocês leal ao trono inglês, onde fica temporariamente sob a guarda da esposa do chefe, Lord Angus Macintosh. Neste ponto da narrativa, o leitor é introduzido a uma personagem que, embora secundária, é de grande importância para a protagonista, por incorporar fortes características associadas ao espírito escocês revolucionário da época. A esposa do *laird*, Lady Anne, a “*belle rebelle*”, ou Coronel Anne, é desse modo apelidada por recrutar soldados para a causa jacobita, e também por gostar de armas e de cavalgar. A personagem demonstra um comportamento completamente reprovável para uma mulher naquele contexto e, conseqüentemente, era odiada pelas mulheres de Inverness, pois, para elas, a Coronel “queria roubar os homens e levá-los consigo, não para a cama, mas para a morte” (CORREIA, 2001, p. 25). Em Moy Hall, Lillias recorda-se do primeiro encontro com Lady Anne durante uma visita ao castelo, e do seguinte diálogo entre as duas: “‘Tens grandes homens na família’, disse-lhe Anne. ‘Heróis. Tu tens de ser uma heroína. Vais ser uma heroína, Lillias?’ ‘Vou sim, minha senhora’, prometeu” (CORREIA, 2001, p. 24). O período em que Lillias permanece sob os cuidados de Anne, ainda que breve, adquire relevância posteriormente, quando Anne torna-se uma figura protetora e uma vívida lembrança da Escócia para Lillias no exílio.

Ante os oficiais ingleses que chegam a Moy Hall para escoltar Lady Anne ao exílio na Inglaterra, a nobre escocesa ecoa as palavras da velha na cabana, ao ordenar que Lillias fique em silêncio: “‘Fica calada, ouviste? Nunca fales. Não digas nada.’ ‘Nunca fales’, repetiu” (CORREIA, 2001, p. 30). E desse momento em diante, a ordem de Lady Anne e a impossibilidade de se expressar verbalmente pautarão todo o desenvolvimento da protagonista ao longo da obra. Por meio da fala, a língua gaélica escocesa denunciaria a verdadeira identidade de Lillias e, mesmo que ela falasse em inglês, o então característico sotaque das Terras Altas seria facilmente identificado. De acordo com Pereira (2017, p. 4), Lillias “Tinha de calar-se para não revelar a sua identidade escocesa que implicaria a sua morte. E é neste momento que é criada a sua primeira identidade ficcional, associada à proibição de falar”. Em consonância com a afirmação de Pereira, para Bishop-Sanchez a mudez de Lillias é o que caracteriza seu exílio, uma vez que

[...] o silêncio de Lillias Fraser remete forçosamente para a sua condição de menina exilada, privando-a da sua linhagem e identidade autênticas, traduzindo a sua deslocação, literal e figurativa, ao longo do romance. Rumo ao exílio, Lillias deixa categoricamente de falar, vendo no silêncio do seu corpo o maior refúgio (BISHOP-SANCHEZ, 2004, p. 63).

Assim sendo, Lillias teria de deixar de ser filha e irmã de rebeldes jacobitas. Conforme a história inventada por Lady Anne para os soldados ingleses, Lillias era somente Georgina, a protegida muda que o marido Lord Angus Macintosh havia resgatado das ruas de Londres.

Vivendo na Inglaterra sob o teto de Eva Macintosh, ou “Lady Viúva”, a sogra de Lady Anne, Lillias enxerga em Anne uma figura materna, tanto que “Só falava com Anne e em voz baixa, durante a noite. Anne levava-a para a cama e embalava-a distraidamente” (CORREIA, 2001, p. 32). Com efeito, mesmo muitos anos após a separação das duas, Lady Anne torna-se “protetora de suas errâncias e nomadismos” (QUARANTANI, 2017, p. 45), permanecendo como uma referência para a qual Lillias se voltará durante toda a narrativa, tendo nela uma fonte de força e segurança em situações de perigo e desolação.

O silêncio de Lillias era interrompido apenas quando tinha visões de morte. Sendo a vidência um importante elemento constitutivo da personagem, cumpre salientar que não há evidências textuais que apontem para um dom divino. Em seu estudo acerca de mulheres videntes nas obras de Hélia Correia e José Saramago, Bishop-Sanchez aponta que as visões de Lillias servem, a princípio, como um recurso narrativo que fragmenta a linearidade do tempo histórico e rompe com as limitações da realidade. Isso acaba por funcionar como um dispositivo de autodefesa da protagonista: “No caso de Lillias Fraser, suas primeiras visões certamente poderiam ser interpretadas nesta linha: desde o início do texto as visões aparecem como um meio de superar os efeitos traumáticos da morte e da separação.” (BISHOP-SANCHEZ, 2010, p. 856, tradução nossa). Antevendo os desastres iminentes, como a morte do pai em Culloden ou o terremoto de Lisboa em 1755, na segunda parte da obra, Lillias consegue fugir e salvar-se da morte.

Ainda na infância, Lillias não era capaz de distinguir entre a realidade e as visões, sendo assim se assustava e gritava de desespero. Logo, todos na casa a temiam, e Eva Macintosh desejava livrar-se da menina devido aos seus hábitos estranhos e seus olhos dourados, “Sinal de que houve bruxas na família” (CORREIA, 2001, p. 33). Para Quarantani, é relevante o fato de a aparência de Lillias ser tomada diversas vezes como evidência de supostos dons malignos, sendo os olhos dourados o ponto de destaque, pois

Podemos reconhecer ainda outras tentativas de destruir a sua subjectividade quando é comparada a estereótipos negativos associados muitas vezes a mulheres que fogem de papéis identitários estáveis. Refiro-me, em particular, às comparações preconceituosas com, por exemplo, uma bruxa, [...] ou com uma cigana. [...] Ou, por fim, com um animal (QUARANTANI, 2017, p. 46).

O temor que a aparência e o comportamento de Lillias despertam nas pessoas são, paradoxalmente, sua ruína e salvação, uma vez que ela é frequentemente ostracizada por não se encaixar em padrões de feminilidade, por sua natureza arredia e porque “causava a impressão de um animal” (CORREIA, 2001, p. 34). Porém, é precisamente essa excentricidade que, em diversas ocasiões, acaba por salvar sua vida.

Eva, então, envia Lillias para Lord Angus em Edimburgo, esperando que o filho desse um destino à menina, alegando que “Com o nome que tem, a rapariga não vai poder andar em liberdade” (CORREIA, 2001, p. 36-37). Além disso, Eva acreditava que por conta da “condição perigosa da menina, filha, irmã e sobrinha de rebeldes, que não a queria ver desaparecida, mas posta a salvo de prováveis represálias” (CORREIA, 2001, p. 37). Sob o pretexto da preocupação, Eva evocava a ameaça que a identidade escocesa de Lillias representava para todos na casa da família Macintosh, na Inglaterra. Pela terceira vez, Lillias é obrigada a fugir por conta de seus laços com rebeldes jacobitas escoceses.

Mesmo retornando à Escócia sob a tutela de um conterrâneo, Lillias recusava-se a falar. Lord Angus tentara, sem sucesso, apelar para a familiaridade da língua nativa que ambos partilhavam: “Baixou-se junto dela e murmurou-lhe no seu áspero escocês das Terras Altas: ‘Podes falar comigo. Eu sei que falas’” (CORREIA, 2001, p. 40). Com o intuito de presentear Lillias como criada para sua esposa, Angus envia Lillias para ser educada pelas mulheres Davidson, donas de uma estalagem em Edimburgo.

Para as Davidson, Lillias era uma inglesa chamada Lilly, a segunda identidade fictícia criada para Lillias. Aos 8 anos, Lillias permanecia sem falar, “escondida dentro do seu próprio corpo” (CORREIA, 2001, p. 50), mesmo que visse com frequência a morte dos homens que chegavam na estalagem. Nesse sentido, além do aspecto de deslocamento físico do exílio, Lillias vivia exilada em sua própria existência, que entendemos conforme o conceito postulado por Nancy (2001). Lillias, portanto, encontrava no corpo o asilo: “Se o que é próprio é o exílio, sua dimensão de propriedade talvez possa ser chamada de ‘asilo’” (NANCY, 2001, p. 118, tradução nossa), o exílio do qual Lillias não poderia ser expropriada. Todavia, a menina deixara de se assustar com as visões e já conseguia diferenciar entre a realidade e a premonição. Lillias estava ciente de que não poderia avisar as pessoas de seus destinos sem denunciar sua identidade verdadeira, pois “ainda que ela quisesse dar aviso, dizendo como, o quando não sabia, não mais faria que acabar como serão e desvendar a falsidade da mudez, a sua linguagem das montanhas” (CORREIA, 2001, p. 45).

Na Inglaterra, padre Tulloch informa Eva sobre o boato de que Lillias seria a filha bastarda de Lord Angus. Na tentativa de preservar o nome da família, Eva ordena que o padre “Arranje alguém que a tire da Escócia para sempre” (CORREIA, 2001, p. 48), o que o padre prontamente faz. Lillias é enviada da estalagem em Edimburgo com destino a Inverness, onde padre Tulloch forja novos documentos para a menina usando o sobrenome de seu sobrinho escocês. Lillias, então, torna-se Lillian McLean, e “Sem o saber, eles devolviam Lillias à sua identidade de escocesa” (CORREIA, 2001, p. 50). Ainda que pisasse novamente em sua terra natal, Lillias não permaneceria muito tempo ali, porque logo foi entregue aos cuidados de Aileen Connolly e sua sobrinha Frances, com passagens só de ida para Portugal.

Destaca-se que, uma vez de volta a Inverness, Lillias sente-se confortável para falar novamente. Prova disso é que a menina dá seu nome verdadeiro ao ser questionada por Frances, contudo, “Nesse momento, Lillias aprende que não pode apresentar seu nome verdadeiro e que falar era muito perigoso” (JAMEL, 2011, p. 156). O padre, no entanto, reforça a história da mudez da menina, e assim “Mais uma vez, é-lhe imposto o silêncio e uma identidade outra, com a qual terá de viver” (PEREIRA, 2017, p. 5). A respeito das múltiplas identidades criadas para Lillias, Quarantani (2017, p. 45-46) argumenta que “Os vários nomes que assume ao longo da história – sempre escolhidos por outros – podem ser lidos, então,

como tentativas de esconder, cobrir a sua verdadeira subjectividade para a encaixar forçadamente em papéis preexistentes”, papéis estes dos quais Lillias sempre acaba escapando em suas andanças.

3. A caminho das terras-de-ninguém

A segunda parte da narrativa tem início com a chegada de Lillias à cidade de Lisboa. Até então, Lillias havia saído de Inverness rumo à Inglaterra, retornando à Escócia, primeiramente para morar em Edimburgo, e, em seguida, regressando pela última vez a Inverness. Todavia, daí em diante, a viagem para Portugal seria definitiva. Eis aí “O páthos do exílio”, conforme escreve Said, “na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra: voltar para o lar está fora de questão” (SAID, 2003, p. 52). Dessa maneira, aos 10 anos de idade, Lillias precisaria habituar-se ao novo país, à nova cultura, e à língua estranha dos portugueses. Nessa jornada para Portugal, evidenciam-se os “elementos inevitáveis” do exílio, conforme explica Abreu:

as condições adversas da viagem (do exodus), materiais e psicológicas; a comparação da paisagem e do clima da terra de exílio com a terra natal; a diferença na língua; a diferença de sabores, cheiros, costumes das gentes; enfim, elementos identitários essenciais, mesmo considerando a “identidade” como uma invenção ou constructo (ABREU, 2016, p. 93).

Em Lisboa, Lillias permanece por um período na casa de Moyra O'Máirtín, irmã de Frances. Mas, como havia ocorrido em todos os outros lugares onde Lillias se refugiou anteriormente, novamente ela é mandada embora. Ao perceber o dom da visão de Lillias, Moyra passa a temer que ela um dia previsse alguma desgraça para um de seus filhos. Lillias é, portanto, enviada para o convento Santa Brígida, em Lisboa.

Além de estruturar a narrativa temporalmente, a passagem de Lillias pelo convento é simbólica, uma vez que é nesse contexto que ela entra em contato com a cultura portuguesa com cidadãos comuns, tanto por meio das cozinheiras e faxineiras do convento, quanto durante os passeios pela cidade, nos quais visitava marujos no porto e ia às missas. Nesse ambiente, Lillias, de forma gradual, aprende a se comunicar em um português rudimentar. Segundo Bishop-Sanchez, o convento é o lugar onde Lillias pode escapar das regras do universo dominado por homens, por estar inserida em uma comunidade exclusiva de mulheres: “Enquanto Lillias pertence ao convento, ela vive a ilusão de ter-se libertado dos papéis femininos convencionais impostos pela sociedade, nomeadamente a docilidade, a passividade, a subserviência e o silêncio”, pois “Isso corresponde à afirmação de Irigaray de que não há espaço para uma voz feminina normal dentro do patriarcado” (BISHOP-SANCHEZ, 2010, p. 858, tradução nossa). Por conseguinte, junto às freiras inglesas, Lillias começa, finalmente, a sentir-se segura o suficiente para quebrar o silêncio: “Pela primeira vez na sua vida, desde Culloden, Lillias conversava” (CORREIA, 2001, p. 67). Segundo Marinho, isso ocorria “somente em intervalos de grande confiança” (MARINHO, 2020, p. 164), como quando Lillias se afeiçoa à Soror Theresa e decide falar. Aceitando que Lillias fosse muda, a freira se espanta ao ouvi-la falando pela primeira vez. Curiosamente, até mesmo Lillias se mostra surpresa com a própria ousadia, considerando as possíveis consequências de seu ato sob condições diferentes, conforme evidenciado no seguinte trecho: “Lillias olhava para o ar, surpreendida, como se

a boca lhe cuspiu um animal. Não distinguia bem o que dissera e tudo aquilo pareceu assustador, a surpresa da freira, os sons meio roucos, jogados como pedras para cima da mesa preparada para o chá” (CORREIA, 2001, p. 67). Dessarte, na figura de Soror Theresa, a menina encontrava acolhimento e algo próximo de uma mãe. Apesar disso, a verdadeira identidade de Lillias até então permanecia em segredo naquele lugar.

Sendo o seu nome de família inominável, Lillias, socialmente, fica privada das suas raízes e da sua identidade, que fica fechada dentro de si pelas imposições de silêncio e de assunção forçada de outras identidades, pela decisão ou falta de vontade de falar, ou pela invenção de uma história de si. A sua verdadeira história permanece apenas no domínio estritamente privado, impedida de existência social, como uma cicatriz que não pode mostrar-se (PEREIRA, 2017, p. 5).

Ainda no convento, Lillias tem duas visões de acontecimentos que viriam a mudar seu destino. A primeira visão, a morte de Soror Theresa, causa tamanho impacto em Lillias, que esta passa a decair fisicamente, até retornar ao estado de mudez: “Vivera quase toda a infância sem falar, de forma que lidava com o silêncio com competência imprópria para a idade. Não respondia quando perguntavam o que sentia e por que tinha tal aspecto, e isso mais inquietava toda a gente” (CORREIA, 2001, p. 74). Não muito tempo após a primeira visão se concretizar, Lillias prevê o terremoto que devastou a cidade de Lisboa e os seus arredores em 1755. Mais uma vez, seu dom premonitório desempenha uma função crucial de sobrevivência, embora, novamente, também seja o motivo de sua fuga e da perda de mais um lar.

Na ocasião do terremoto em Lisboa, Lillias já estava longe, “a caminho das terras-de-ninguém”, afinal, ela não poderia regressar ao convento, muito menos tinha para onde ir: “Sentia-se indefesa. Já vivera no meio de gente hostil, mas sempre sob um tecto, junto às brasas de um fogão” (CORREIA, 2001, p. 75-76). As consequências do terremoto foram devastadoras. Esta segunda parte da obra trata quase exclusivamente da paisagem destruída após o desastre, e dos milhares de desterrados tentando juntar os pedaços de lares. Pelo caminho, Lillias se depara com incontáveis pessoas abandonando Lisboa, são grandes grupos de fugitivos pelo campo, cujo “horror empurrava-os para a frente” e também “O número de gente deslocada aumentava em segundos, de maneira que Lillias passou despercebida”. Em meio ao caos, Lillias “Deambulava pelos grupos à deriva, porém a força bruta do pavor empurrava-os a todos para a frente” (CORREIA, 2001, p. 78-79). Diante da terrível situação, novamente Lillias se recorda da lição que a manteve viva desde a fuga de Inverness: “Lillias aprendera o português com as outras criadas do convento, mas temeu, mesmo assim, denunciar-se. E a voz da coronel Anne Macintosh segredou-lhe de novo: ‘Está calada’” (CORREIA, 2001, p. 79).

Pelo caminho, Lillias oferece ajuda à lisboeta Cilícia, com quem encontra abrigo temporário no Convento de Mafra. O lugar parecia não ter sofrido com o terremoto, e, diante da grandeza arquitetônica do convento, Lillias fica espantada, pensando que o lugar “abrigaria todos os fugitivos de Lisboa”, mas “A magnificência dos salões não lhe oferecia o mínimo consolo” (CORREIA, 2001, p. 86-87). Naquele lugar terrivelmente vazio, o único alento era a presença de Cilícia: “O corpo da mulher, com o seu cheiro e a sua gordura maternal, havia-a finalmente confortado” (CORREIA, 2001, p. 91). A importância das figuras femininas na vida de Lillias se revela cada vez mais evidente. Após a morte de Margaret Fraser, Lillias

continua buscando, mesmo que inconscientemente, suprir a falta da figura materna em todas as outras mulheres que encontra pelo caminho, como ocorre com personagens como Lady Anne, Soror Theresa, Cilícia e, finalmente, Blimunda. Por vezes, a ausência materna é atenuada, mas nunca verdadeiramente superada. Essa lacuna também se reflete no anseio por recuperar o lar perdido e a “terra-mãe”, como trataremos a seguir.

Mais adiante, no capítulo IX da segunda parte, a senhora Cilícia é a responsável por adotar Lillias como filha e atribuir-lhe mais uma identidade. Ainda assim, apesar de todas as identidades impostas, Lillias permanece consciente do que o nome escocês representava: “Que passasse a chamar-se Lília Peres não significava uma adoção e tão-pouco apagava na lembrança os verdadeiros sons de Lillias Fraser” (CORREIA, 2001, p. 118). A vida na companhia de Cilícia, no entanto, começava a adquirir certa familiaridade, como podemos notar no seguinte trecho: “‘Esta é a minha casa’, pensou Lillias. Pensara em português. Não se lembrava de alguma vez ter dito aquela frase” (CORREIA, 2001, p. 125). Partindo da visão de Stroińska a respeito de língua e exílio, a autora explica que o exilado não perde a identidade ao passar de uma realidade linguística à outra, mas tem sua identidade alterada.

Portanto, a identidade não pode ser perdida na transição de uma língua para outra, mas sim modificada. A perda da língua não elimina outros fatores que moldam a identidade. Por outro lado, no contexto do exílio, a língua muitas vezes se torna o fator que determina a identidade do grupo. Reúne pessoas do mesmo antecedente linguístico, ainda que a língua seja a única coisa que tenham em comum. Assim, a língua produz o sentimento de pertencimento a um grupo linguístico, ao mesmo tempo em que provoca a exclusão de outro grupo (STROIŃSKA, 2003, p. 101, tradução nossa).

Além disso, Quarantani entende o políglotismo da personagem como evidência de sua identidade nômade, visto que a menina “assume figurações diferentes para afirmar a sua identidade” (QUARANTANI, 2017, p. 47), rejeitando uma identidade estática, de acordo com o conceito de nomadismo feminino de Braidotti (1994).

Jayme, o filho de Cilícia, retorna da Prússia, onde havia combatido na Guerra dos Sete Anos. Em pouco tempo, Lillias sente uma forte atração pelo rapaz, ainda que não fosse capaz de compreender o sentimento que a impelia a “contar toda uma história de exilada” (CORREIA, 2001, p. 149), revelando a Jayme detalhes de sua vida que não contava a mais ninguém. Ocorre, então, uma identificação imediata com Jayme. Inicialmente, a aparência física do rapaz chama a atenção por conta de seus cabelos e olhos dourados, características similares às do povo das Terras Altas e, talvez, por essa razão, “trouxesse algum conforto a Lillias” (CORREIA, 2001, p. 137). Ademais, o espírito aventureiro de Jayme provocava devaneios que transportavam Lillias de volta para o lar da infância na Escócia:

[...] Lillias partia docemente para casa. Margaret Fraser remexia no braseiro e o cheiro da turfa levantava-se do chão. E os homens da família conspiravam, com a solenidade e a malícia que os cobriam de luz de tal maneira que, muitas vezes, se denunciavam pelo puro fulgor do seu olhar. Riam. E o jovem Eavan imitava, muito corado pela emoção, aquele exterior de que ele não conhecia ainda exactamente o conteúdo e onde a bebida tinha o seu papel. Lillias

deixava-se embalar, tomando a noite daquele primeiro Inverno ao pé de Jayme pela noite das charneças de Inverness. Era como se o tempo se dobrasse e tudo aquilo que lhe acontecera fosse esmagado até ao esquecimento (CORREIA, 2001, p. 146).

Consequentemente, no momento que Jayme vai embora de casa para se juntar ao exército aliado da Inglaterra, sua partida marca a perda da familiaridade reconfortante proporcionada por sua presença. Para mitigar a ausência de Jayme, Lillias recorre à outra memória que remete ao lar escocês, dessa vez, agarrando-se à lembrança de Lady Anne que, conforme mencionado, surge diversas vezes como uma figura protetora nos devaneios de Lillias: “Atravessava os campos, atalhando, sobre o cavalo de Lady Macintosh. [...] Passava para o Sul, pisando o Tejo que, para tais cascos, se tornava sólido” (CORREIA, 2001, p. 163).

4. O espaço entre fronteiras

Na terceira parte, à medida que a narrativa se aproxima do fim, acompanhamos a busca de Lillias, agora com 22 anos, na tentativa de encontrar Jayme e levá-lo de volta para a casa. Cilícia e Lillias saem à procura do rapaz, até chegarem na cidade de Almeida, fronteira entre Portugal e Espanha, na época, antagonistas na Guerra dos Sete Anos. Para a viagem, Cilícia veste Lillias com as roupas de Jayme, e outra vez Lillias é ordenada a se calar: “Para que Lillias a acompanhasse, Cilícia fez-lhe um fato de rapaz e cortou-lhe o cabelo pelos ombros. ‘Passas por filho meu. Não abras boca’” (CORREIA, 2001, p. 174). No contexto de uma guerra em que os portugueses eram aliados dos ingleses, e diante de todas as outras ameaças pelo caminho, torna-se primordial omitir a identidade escocesa. Ao assumir uma identidade masculina, Lillias consegue, assim, transitar por um mundo de violência e guerra, “vivendo as sucessivas ficções que para si são criadas, associadas, quase sempre, à mudez” (PEREIRA, 2017, p. 8).

Na fortaleza do exército de Portugal, em Almeida, Lillias encontra o coronel Francis McLean, um militar escocês a serviço da Inglaterra. O encontro entre os dois é significativo para a jornada da protagonista, pois, pela primeira vez desde que fora expulsa da casa de Moyra O'Máirtín, Lillias entra em contato com outro conterrâneo, reconhecendo-o como tal ao ouvi-lo murmurando xingamentos em gaélico. Incapaz de conter a euforia ao ouvir a língua materna, Lillias decide então falar:

Ela temeu que o tempo lhe tivesse retirado as palavras. E bateu com a mão no peito, a libertá-las daqueles anos. Então, um misto de gaélico e de inglês, unificados pela fonologia, áspera e, no entanto, modulada, como inventada para canções guerreiras, passou da sua boca para os ouvidos do coronel que deu um urro de alegria (CORREIA, 2001, p. 188).

De acordo com Marinho (2020), ao recuperar sua língua nativa, Lillias inicia “o processo final de reconhecimento, isto é, de encontro com a verdadeira identidade” (MARINHO, 2020, p. 167). Não obstante, vale destacar que Lillias omite seu sobrenome e seu lugar de origem, além de outros aspectos de sua vida nas conversas com Francis. Assim, ela faz uso do sobrenome dos documentos forjados por padre Tulloch, apresentando-se como “Lillias McLean”, sobrenome este que, coincidentemente, era o mesmo do coronel. Para Francis, a presença de Lillias “foi como se as parentes lhe enviassem um novo plaid e,

ao enroscar-se nele, toda a Escócia lhe entrasse na caserna” (CORREIA, 2001, p. 190). A língua materna desempenha uma função importante no relacionamento de Lillias e Francis, como podemos observar no seguinte trecho: “Ouviam-nos cantar, falar gaélico, cujo vocabulário, por desuso, se achava na fundura da memória e ia sendo puxado para cima, por tentativas que os faziam gargalhar” (CORREIA, 2001, p. 194). Por conseguinte, os dois escoceses encontram um no outro uma espécie de abrigo provisório do exílio.

Conforme assinalado por Bishop-Sanchez (2004), o exílio impele Lillias a constantemente buscar nas relações interpessoais alguma forma de refúgio, seja nas diversas figuras maternas encontradas (e perdidas) ao longo da narrativa, seja nos amantes, representados por Jayme e Francis McLean: “De uma maneira geral, pode-se afirmar que a condição perpétua de menina desterrada provoca nela o desejo de calor e conforto humano” (BISHOP-SANCHEZ, 2004, p. 64). Diante dessa perspectiva, os esforços de Lillias se direcionam tanto à busca do lar perdido quanto à procura pela figura materna, ou por aqueles que possam restituir-lhe o sentimento de pertencimento a uma família, uma comunidade.

A procura incessante pela terra-mãe culmina na passagem em que Lillias encontra o comandante escocês Lord Loudon. Na sala do *lord*, ao deparar-se com “todo o aparato de escoceses”, envolvida pelo som das gaitas de foles e da rabeca, típicos instrumentos da música folclórica escocesa, Lillias sente uma segurança raramente experienciada em meio a estranhos e, como que em um transe, a menina revela seu nome verdadeiro diante dos oficiais do exército a serviço da Inglaterra:

Ela fincava os pés no chão para não dançar. O céu da Escócia, cheio de arco-íris, corria-lhe por cima, em vez do tecto. Lillias olhou para o coronel, como a mulher olha para o seu homem. Nesse instante, ouvindo os músicos em afinação e a pronúncia artilosa das montanhas, amou-o quanto não o tinha amado. E todo o ouro da sua inconsistência cintilava. Lord Loudon interessou-se e perguntou-lhe como se chamava. No estado de alegria em que se achava, Lillias disse o seu nome verdadeiro (CORREIA, 2001, p. 197).

Consequentemente, o ato impulsivo de Lillias resulta em consequências severas. Anos antes, Lord Loudon havia combatido pela Inglaterra contra a Rebelião Jacobita e sofrido uma humilhante derrota para o Clã Fraser em Fort Augustus, próximo a Inverness, desta maneira, “o apelido Fraser, entre todas as palavras do mundo, era para o escocês a mais amarga” (CORREIA, 2001, p. 198). Imediatamente, o comandante desconfia que Lillias pudesse fazer parte de alguma conspiração jacobita, enquanto que o coronel Francis McLean sente-se ofendido por ter sido enganado, a ponto de convencer-se de que havia sido enfeitado pelos supostos poderes de bruxa de Lillias.

Como resultado, Lillias é expulsa da cidade de Almeida e retorna sozinha para Lisboa. Apesar das aterradoras circunstâncias, de certa forma, Lillias consegue salvar-se novamente de outra situação potencialmente fatal, pois, conforme revela a narradora, poucos dias após a expulsão de Lillias, ocorre o Cerco de Almeida, em 1762, quando as forças espanholas tomam a cidade.

Quando volta a Lisboa, Lillias encontra-se completamente sozinha. Até mesmo a casa, onde havia residido por alguns anos após o terremoto, já não lhe parecia mais um lar, e ela contemplava a construção com indiferença: “Não pensou nela como sua casa, como um lar bem-amado. Tinha mesmo uma certa agonia de voltar, mas avançava nessa direcção, com a fatalidade de um insecto” e “Olhou para a casa e

não chorou de alívio” (CORREIA, 2001, p. 204-206). Nesse momento, a personagem é acometida de um súbito sangramento, provocado por complicações de uma gravidez ainda desconhecida, e é socorrida por uma mulher na rua.

Chegamos em um ponto da narrativa que, “pelos poderes mágicos da ficção” (FIGUEIREDO, 2009, p. 149), ocorre o fascinante encontro intertextual entre Lillias e a personagem Blimunda Sete-Luas, protagonista do romance *Memorial do Convento* (1982), de José Saramago. Nas palavras da própria Hélia Correia, que revelou em uma entrevista ter se apropriado da personagem com a benção de seu criador¹, Blimunda vai ao encontro de Lillias no momento de maior vulnerabilidade da personagem na narrativa, desde sua primeira fuga no início do romance, uma vez que Lillias se encontrava agora sem família, sem amigos, sem lar e, além de tudo, grávida, em estado de absoluto desamparo. Blimunda, portanto, “Atravessara o tempo e convencera-o a separar-se dela para sempre” (CORREIA, 2001, p. 207), e surge então como um ser mítico, transcendendo os limites espaço-temporais da literatura, para assumir o papel de protetora de Lillias, “em um ponto da narrativa em que Lillias, sozinha e marginalizada da sociedade, busca desesperadamente um sentimento de pertencimento” (BISHOP-SANCHEZ, 2010, p. 859, tradução nossa).

A aparição de Blimunda é fundamental para o desfecho do romance de Correia, porque a bruxa de Saramago surge como aquela capaz de compreender Lillias verdadeiramente e, portanto, capaz de ampará-la. Ambas as personagens compartilham o dom sobrenatural da visão, em uma sociedade do século XVIII regida por dogmas religiosos e a presença impiedosa da Inquisição. Ambas devem transitar em um contexto no qual suas existências são entendidas como ameaçadoras, e o dom profético se torna fonte de constantes angústias, levando-as a recorrer ao silêncio como mecanismo de defesa. Ao final, tanto Lillias quanto Blimunda se veem forçadas a perambular pelas terras portuguesas em busca do amor perdido. A respeito disso, na perspectiva de Kathryn Bishop-Sanchez,

Para essas duas mulheres, suas visões representam uma alternativa ao pensamento patriarcal em um período de convulsão social, quando os caminhos para a auto-realização e expressão femininas são restritos. Vivem dos seus talentos, em isolamento e solidão, até que Hélia Correia as reúne. Simbolicamente, ambos os romances terminam retratando essas mulheres no limbo (BISHOP-SANCHEZ, 2010, p. 859, tradução nossa).

A afirmação de Bishop-Sanchez (2010) contribui, desse modo, para entendermos Lillias Fraser à luz do conceito de identidades femininas nômades proposto por Rosi Braidotti (1994). O fato de Lillias permanecer em constante movimento, nunca demorando-se em um só lugar, caracteriza igualmente sua não conformidade com os papéis que a sociedade lhe impõe. Em sua condição de mulher nômade, Lillias transgride as normas sociais, o que lhe permite reconstruir uma identidade própria ao longo da

¹ “Falei com o José Saramago. Embora os livros sejam os livros, muito longe dos escritores, há a noção de direitos de autor. Não podia pegar na Blimunda assim e por isso falei com ele pessoalmente. Foi uma conversa muito engraçada, porque não sabia como é que lhe havia de explicar. Aliás, quando estou a escrever, fico muito confusa. Disse-lhe: ‘É uma menina, no século XVIII, que vem da Escócia para Portugal...’ E ele completa imediatamente a minha frase: ‘...e encontra a Blimunda’. Disse-lhe que sim e ele achou muita graça” (CORREIA, 2003).

narrativa. Esse processo é concretizado pelo encontro com Blimunda, cuja situação é similar à de Lillias, no final de *Memorial do Convento* (1982).

As características que afastam Lillias e Blimunda do restante da sociedade são também os fatores que as aproximam. Dentre os diversos paralelos possíveis de traçarmos entre as duas personagens, distingue-se o papel fundamental do olhar como elemento de conexão entre ambas. Em relação a isso, podemos destacar o seguinte diálogo: “Vejo dentro do corpo das pessoas quando estou em jejum”, ao que Lillias responde: “Eu vejo a morte” (CORREIA, 2001, p. 208), em um diálogo que somente poderia existir entre essas duas personagens, por serem mulheres que “veem demais” e além da capacidade dos outros personagens (JAMEL, 2011, p. 151). O vínculo imediato com Blimunda leva Lillias a se revelar por completo: “contou-lhe toda a sua história. Contou-lha como apenas a contara a Jayme, não deixando de reserva nada com que pudesse defender-se” (CORREIA, 2001, p. 208). Debilitada pela perda de sangue, Lillias reconhece em Blimunda a figura materna que tanto havia buscado nas mulheres ao longo da narrativa: “E aquela fraqueza que a tomava, em vez de a assustar, trazia o embalo da sua infância ao colo de Margaret” (CORREIA, 2001, p. 207). Neste momento, Lillias sente-se finalmente segura sob os cuidados de Blimunda.

A guerra, porém, não havia cessado. Por esse motivo, Blimunda estava ciente de que não poderiam permanecer naquele lugar e anuncia que “O coronel já cá não está. Mas o poder acha-se em toda a parte” (CORREIA, 2001, p. 208). Assim sendo, Blimunda e Lillias partem em busca de um lugar onde a criança, filha de escoceses, estivesse segura, “para longe de tudo. Essa criança há-de nascer na terra-de-ninguém, num espaço entre fronteiras que não seja nem Portugal nem Espanha”. Lillias, por sua vez, “perguntava o nome do lugar. Blimunda não sabia responder” (CORREIA, 2001, p. 208). De fato, não há uma resposta clara. Para Bishop-Sanchez (2010), como figuras marginalizadas e transgressivas, detentoras de poderes que lhes permitem existir fora dos limites da estrutura patriarcal, ambas as personagens caminham rumo a “um espaço fora dos reinos, sem governação” (CORREIA, 2001, p. 209), em um lugar em que somente elas poderiam adentrar, além da guerra e do domínio masculino.

Conforme aponta Bishop-Sanchez, “As visões de Lillias tinham o propósito de salvaguardar a protagonista, mas a mensagem final do romance de Hélia Correia é de derrota e exclusão social” (BISHOP-SANCHEZ, 2010, p. 859, tradução nossa). Sob essa perspectiva, o exílio para Lillias Fraser é irremediável; é nomadismo. Como se a conclusão da narrativa se espelhasse o início, Blimunda conduzia Lillias “como a velha na montanha no dia da batalha de Culloden”, enquanto Lillias conjura na mente a imagem de Lady Anne, sua protetora ao longo da obra “Naquele Inverno português, a rapariga entrelaçava novamente os dedos à cintura de Lady Macintosh e, sob a chuva, ia cheirando os seus cabelos” (CORREIA, 2001, p. 209), reiniciando outra jornada que jamais terminará, pois, como bem ressalta Blimunda, “essa fuga não acaba aqui” (CORREIA, 2001, p. 209).

Considerações finais

Procuramos analisar a temática do exílio em *Lillias Fraser* (2001), de Hélia Correia, com ênfase nas consequências que o exílio acarreta na trajetória da protagonista, bem como os aspectos da perda de identidade/subjetividade e linguagem que nos chamaram a atenção durante a leitura da obra.

Após a análise do romance, juntamente com o referencial teórico, constatamos que o exílio em sua dimensão geográfica e política, conforme Edward Said (2003), ocorre por toda a obra, notadamente nas sucessivas fugas de Lillias Fraser de um lugar a outro. A primeira fuga ocorre já no primeiro capítulo do romance, quando Lillias foge de casa após uma visão profética do pai morto na Batalha de Culloden. O evento acaba por ser o estopim da narrativa da personagem, que após a morte de sua família, vê-se forçada ao exílio. Lillias abandona a identidade escocesa para conseguir sobreviver em um mundo onde ela se torna uma pária da sociedade britânica, por pertencer a uma família de jacobitas.

Sabemos que além do vínculo geográfico, a língua é a principal ligação da protagonista com sua identidade escocesa, primeiramente devido à língua materna, o gaélico, e também pelo sotaque escocês ao falar inglês, sotaque este que é reconhecidamente distinto dentre os sotaques das ilhas britânicas. Ao fugir de casa, Lillias recebe a ordem de se calar para esconder a identidade escocesa, logo, a perda da linguagem na proibição de se expressar por meio da fala é o que fundamenta a perda da identidade de Lillias Fraser. A personagem vai deixando de falar à medida que se distancia de casa, pois percebe que esse era um ato perigoso. Aqui, entendemos a “casa” não só como lugar físico, mas também com o que chamamos de abrigo temporário dos efeitos do exílio, ou seja, quando Lillias sente-se acolhida e a salvo com alguém, ela consegue finalmente quebrar o silêncio que usa como escudo. Observamos esse fenômeno nas interações de Lillias com personagens como Lady Anne, Soror Theresa, Jayme, Francis McLean e Blimunda.

Quanto às nossas indagações a respeito da perda de identidade, constatamos que Lillias não perde a identidade realmente, mas sua identidade se modifica continuamente ao longo do romance, de acordo com os estudos sobre língua e exílio de Magda Stroińska (2003). Ao sair de Inverness, Lillias é forçada a assumir diversas identidades fictícias para fugir da morte. Seus nomes são diversos, e cada identidade depende do contexto no qual Lillias se encontra: primeiramente, ela é a inglesa Georgina, na presença dos Casacas Vermelhos em Moy Hall; depois Lilly, a bastarda em Edimburgo; Lillian McLean é o nome forjado para fugir da Escócia; em Portugal ela é Lília Peres, filha adotiva da senhora Cilícia; e quando está na companhia do coronel Francis McLean, Lillias se torna a escocesa de sobrenome McLean; a garota só pode voltar a usar o nome de batismo da família Fraser no final da narrativa, quando encontra Blimunda. Verificamos, dessa forma, que a trajetória de Lillias dialoga com o conceito de identidades femininas nômades da filósofa e teórica Rosi Braidotti (1994), pois o nômade não possui identidade fixa, mas constrói sua identidade a partir do movimento e dos múltiplos fragmentos do “eu”, que é mutável e inconstante.

No final do romance de Hélia Correia, Lillias é destituída da casa, da família, dos amigos e dos amantes, e se encontra completamente sozinha, exceto pelo filho que carrega em seu ventre. É quando Blimunda a encontra e assume o posto de guardiã, tanto de Lillias quanto da criança. Juntas, as duas mulheres continuam a errância que Lillias iniciou no primeiro capítulo, e se dirigem a um lugar sem nome, um “espaço entre fronteiras.” (CORREIA, 2001, p. 208). Para elas, não há possibilidade de firmar morada naquele mundo, sendo o exílio, para ambas, irremediável. Nesse sentido, a última dimensão do exílio que observamos foi a concepção de Jean-Luc Nancy (2001): Lillias está assim permanentemente exilada em sua própria existência, mas não sozinha, visto que conta com o amparo de outra existência feminina também exilada, encarnada na reparação deslocada da personagem saramaguiana Blimunda.

Referências

ABREU, Maria Fernanda Antunes. Lillias Fraser. Fugas. Guerra e Exílio. (De uma menina escocesa na Europa de setecentos). *Forma Breve*, n. 13, 2016. p. 91-97. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/4737>. Acesso em: 6 fev. 2022.

BISHOP-SANCHEZ, Kathryn. In/sight of Knowledge: Seeing Women in José Saramago's Memorial do Convento and Hélia Correia's *Lillias Fraser*. *Bulletin of Hispanic Studies*, v. 87, n. 7, 2010, p. 843-862. Disponível em: <https://online.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/10.3828/bhs.2010.34>. Acesso em: 7 jan. 2022.

BISHOP-SANCHEZ, Kathryn. Nos interstícios da ficção: Lillias Fraser e a re-invenção da história. *Actas do Colóquio Internacional Literatura e História*, vol. 1. Porto: 2004, p. 59-62.

BRAIDOTTI, Rosi. *Nomadic Subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. Columbia University Press: New York, 1994.

CORREIA, Hélia. *Lillias Fraser*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

CORREIA, Hélia. Apaixonei-me mesmo pela Lillias. [Entrevista concedida a] Marisa Torres da Silva. *PÚBLICO*, 2003. Disponível em: <https://www.publico.pt/2003/05/21/jornal/apaixoneime-mesmo-pela-lillias-201473>. Acesso em: 17 jan. 2022.

CORREIA, Hélia. Recordação da Tradição Clássica Grega: uma conversa com Hélia Correia. [Entrevista concedida a] Inês Gama. *A Cabra*, 2018. Disponível em: <https://acabra.pt/2018/05/recordacao-da-tradicao-classica-grega-uma-conversa-com-helia-correia/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

FIGUEIREDO, Mônica do Nascimento. Ruínas, vestígios e silêncios: *Lillias Fraser* de Hélia Correia. RIOS, Otávio (org.). *O Amazonas deságua no Tejo: ensaios literários*. Manaus: UEA Edições, 2009. p. 149-175.

JAMEL, Maíra Contrucci. Linguagem e memória em *Lillias Fraser*, de Hélia Correia. *Revista Diadorim*, v. 9, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3928>. Acesso em: 6 fev. 2022.

MARINHO, Maria de Fátima. O jogo da encenação do passado em *Lillias Fraser* de Hélia Correia. *Revista da Faculdade de Letras-Línguas e Literaturas*, v. 21, 2020. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/rl/article/view/8021>. Acesso em: 6 fev. 2022.

NANCY, Jean-Luc. La existencia exiliada. *Revista de Estudios Sociales*, n. 8, 2001. p. 116-118. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/10.7440/res8.2001.12>. Acesso em: 26 jan. 2022.

ONU NEWS. Mundo chega a número recorde de 82,4 milhões refugiados e deslocados. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/06/1754062>. Acesso em: 22 Jul. 2022.

PEREIRA, Conceição. As ficções de Lillias: uma leitura de *Lillias Fraser* de Hélia Correia. *Textos e Pretextos*, n° 21, outono/inverno 2017-18, p. 8-17.

QUARANTANI, Sara. Redesenhando limites e fronteiras: a estética nómada em *Lillias Fraser*. *Textos e Pretextos*, n° 21, outono/inverno 2017-18, p. 42-51.

ROBERTS, John L. *The Jacobite wars: Scotland and the military campaigns of 1715 and 1745*. Edinburgh: Polygon at Edinburgh, 2002.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. Lisboa: Editorial Caminho, 1982.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar? *Letras*, [S. l.], n. 16, 1998. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169824>. p. 183-196. Acesso em: 6 fev. 2022.

STROIŃSKA, Magda. The role of language in the re-construction of identity in exile. In: STROIŃSKA, Magda; CECCHETTO, Vittorina; (Org.) *Exile, language and identity*. New York: Peter Lang Publishing, 2003. p. 95-109.

Recebido em 12 de janeiro de 2024.

Aprovado em 10 de dezembro de 2024.

Resumo/Abstract

A identidade feminina em exílio no romance *Lillias Fraser*, de Hélia Correia

Karen Tiburcio Martins e Keli Cristina Pacheco

Este artigo investiga o tema do exílio no romance *Lillias Fraser* (2001), de Hélia Correia, analisando como o exílio influencia a perda de identidade da protagonista e como ela resgata sua subjetividade durante a jornada. Os temas de identidade e subjetividade femininas serão examinados à luz da teoria feminista dos sujeitos nômades, de Rosi Braidotti, em *Nomadic Subjects* (1994). A análise sugere que Lillias Fraser vivencia diversas formas de exílio e é forçada a assumir diferentes identidades para sobreviver. Ao fugir de seu país de origem, Lillias é submetida ao exílio como perda da terra natal, necessitando refugiar-se em outros países. Por nunca poder retornar, suas andanças nunca cessam. No fim, ela se torna a mulher nômade proposta na teoria de Braidotti (1994), pois sua subjetividade só pode ser desenvolvida por meio de suas múltiplas identidades e errâncias. Assim, sua identidade não é perdida, mas está em constante transformação.

Palavras-chave: Lillias Fraser, exílio, sujeitos nômades, subjetividade feminina.

The female identity of exile in the novel *Lillias Fraser* by Hélia Correia

Karen Tiburcio Martins and Keli Cristina Pacheco

This paper investigates the theme of exile in the novel *Lillias Fraser* (2001) by Hélia Correia, focusing on how exile influences the protagonist's loss of identity and how she reclaims her subjectivity during her journey. The themes of identity and feminine subjectivity are analyzed according to Rosi Braidotti's

feminist theory of the female nomad, as presented in *Nomadic Subjects* (1994). The analysis suggests that Lillias Fraser undergoes several forms of exile and is forced to take up different identities to survive. By fleeing her home country, Lillias is subjected to exile as the loss of her homeland, needing to seek refuge in other countries. Since she can never return, her wandering never ceases. Finally, she becomes the nomadic woman proposed by Braidotti (1994), as her subjectivity can only be developed through her multiple identities in exile. Thus, her identity is not lost but is constantly in transformation.

Keywords: Lillias Fraser, exile, nomadic subjects, female subjectivity.